

# Aquisição de segunda língua: gramática universal e teoria sociocultural

*Second language acquisition:  
universal grammar and sociocultural theory*

ELI LINHARES DE MENESES BORGES

Graduado em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: eli.linharesborges@hotmail.com

---

**Resumo:** A aquisição de uma segunda língua é uma habilidade que pode ser alcançada pelo ser humano devido aos componentes biológicos que lhes permitem falar outro idioma. Existem diversas teorias que embasam as razões pelas quais o homem adquire uma segunda língua. Esta pesquisa foca a Teoria Sociocultural e a da Gramática Universal. Defende-se a ideia de que essas teorias explicam, em grande parte, o fenômeno de aquisição de uma segunda língua. Os principais autores consultados são Mota (2018), Grédis (2016), Spinassé (2006), Loureiro (2013), entre outros.

**Palavras-chave:** Segunda Língua. Linguagem. Linguística.

**Abstract:** The acquisition of a second language is a skill that can be achieved by human beings due to the biological components that allow them to speak another language. There are several theories that support the reasons why man acquires a second language. This research focuses on Sociocultural Theory and Universal Grammar. It is argued that these theories largely explain the phenomenon of second language acquisition. The main authors consulted are Mota (2018), Grédis (2016), Spinassé (2006), Loureiro (2013), among others.

**Keywords:** Second language. Language. Linguistics.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em primeiro lugar este artigo busca definir o que se convencionou chamar de língua. Para Loureiro (2013), a língua é um fenômeno social e cultural que influencia a sociedade, que é influenciada por ela. A língua é parte da identidade de um país ou comunidade e, no caso dos dialetos, revela elementos significativos na história de um povo.

Para Tafarel (2018, p. 1), a linguagem é o meio de comunicação empregado pelo ser humano para interagir em sociedade, e a língua é a sistematização da linguagem em códigos reconhecidos em uma comunidade específica, para que o homem se comunique organizadamente com as pessoas de seu grupo.

Esta pesquisa trabalha com duas teorias basilares no campo da aquisição da linguagem: Linguística Gerativa, e Teoria Sociocultural do Desenvolvimento Cognitivo, proposta por Vygotsky.

Este trabalho é de natureza bibliográfica acerca duas teorias relacionadas, de uma forma ou de outra, à aquisição da linguagem. Nossa intenção é fazer um estudo comparativo entre a Teoria Sociocultural e a Gramática Universal no que se refere à aquisição e à aprendizagem de uma segunda língua.

## 2 GRAMÁTICA UNIVERSAL E TEORIA SOCIOCULTURAL NA AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA

Para Mota (2008, p. 12), o campo de investigação em “aquisição de segunda língua”, desde a década de 1980, tem sido distinguido por um dinamismo intelectual ímpar. Ao longo desse tempo, diversos pesquisadores buscaram desenvolver modelos teóricos que não somente descrevessem, mas também explicassem o processo de aquisição de tal maneira que atualmente temos várias propostas disponíveis, embora nenhuma ainda suficiente para entender a complexidade desse processo. Para Tafarel (2018, p. 1),

Atualmente, as pessoas estão conscientizando-se da importância do aprendizado de um segundo idioma, o que, conseqüentemente desperta em cientistas da linguagem o interesse em compreender esse processo por meio de estudos e pesquisas que almejam analisar como ocorre a aquisição de uma nova língua e quais métodos são mais eficientes.

A primeira língua que aprendemos, chamada de língua materna (ou nativa), a adquirimos à medida que crescemos. A sistematização de códigos reconhecidos será utilizada pelo falante no processo de comunicação verbal e não verbal.

Para Loureiro (2013, p. 51), os argumentos utilizados para promoção de uma língua estrangeira voltam-se a sua utilização em contexto real, bem como a seu papel mediador que as línguas adquirem na comunicação intercultural. Atualmente, pode-se dizer que um contexto linguístico multifacetado possibilita o acesso a um manancial de informação disponível em línguas variadas, acessível àqueles que as dominem e as utilizem sistematicamente.

Com o *boom* da tecnologia da década de 1990 em diante (globalização), a facilidade de comunicação entre povos de diferentes nacionalidades tornou-se mais facilitada. Somado a esse fato, a inclusão de termos estrangeiros nas línguas nacionais tornou-se preponderante. Para Eckert e Frosi (2015, p. 3), estudos de aquisição de línguas transformaram-se ascendentemente nas últimas décadas. No entanto, é uma área de complexa definição, uma vez que, para entender o processo de aquisição de línguas em todos os seus aspectos, é necessário reconhecer as contribuições de diferentes áreas do conhecimento: Sociologia, Linguística, Neurologia, além das relações que devem ser estabelecidas diretamente com a Sociolinguística, Psicolinguística e Neolinguística.

De acordo com Abrahão (2012, p. 2), o ensino e a pesquisa na área de formação de professores de línguas modificaram-se nas últimas décadas. Não ocorreram

isoladamente vinculadas as diferentes maneiras de conceber a realidade e conhecimento das diferentes perspectivas epistemológicas.

Há várias teorias que apontam como ocorrem ou deveriam ser o estudo e o aprendizado de um idioma diferente ao nativo. Concebidas em espaço e tempo específico, são estudos provenientes de pesquisas aprofundadas. Historiadores mapeiam os primeiros encontros entre civilizações; para esses historiadores, o processo comunicativo acontecia naturalmente, com pessoas aprendendo uma língua estrangeira devido ao contato direto com o falante nativo.

Para Krashen (1978 *apud* Veloso, 2014, p. 12), a aquisição de segunda língua refere-se ao processo de assimilação natural, intuitivo, subconsciente, produto de interação em uma segunda língua. Esse processo envolve habilidade teórica e capacidade de comunicação criativa, interagindo oralmente e identificando valores culturais de tal língua.

Então, pode-se dizer que adquirir uma segunda língua refere-se à capacidade de o falante absorver outro idioma e poder comunicar-se em situações cotidianas de fala, como também dominar leitura e escrita na segunda língua. No ensino de uma segunda língua, o docente deve trabalhar várias habilidades com seus discentes, como leitura, escrita, escuta e conversações. Para Lovato e Adamés (2008, p. 1) o conhecimento dos processos relacionados à aquisição da L2 – métodos, abordagens, teorias e técnicas – é primordial para a eficiência do ensino. Porém, deve-se deixar explícito que a aquisição de L2, diferentemente da língua materna, realiza-se de forma consciente e formal. A língua materna é adquirida na comunidade com a família e demais pessoas. Em um espaço formal, como nas escolas, aprende-se outra língua; o aprendiz estuda uma estrutura diferente. Para Veloso (2014, p. 19), a aprendizagem de língua segunda ocorre por meio de regras formais de estudo, padrões e convenções, configurando-se como estudo que possibilita o indivíduo interagir e pôr em prática o conhecimento conquistado.

A Teoria da Gramática Universal (GU) (CHOMSKY, *apud* TAFAREL, 2018) afirma que todo indivíduo nasce com componentes biológicos que o predis põem à aquisição de outros idiomas, possibilitando pessoas adultas alçarem níveis de proficiente similares a um nativo. Para Chomsky (*apud* TAFAREL, 2018), os seres humanos são biologicamente dotados de uma faculdade de linguagem responsável pelo estágio inicial do desenvolvimento da linguagem. Essa faculdade é denominada Gramática Universal.

Segundo Mattos (2000, p. 4), a criança nasce com predisposição natural para a aprendizagem da sua língua materna a partir da exposição a essa língua. De acordo com Sharwood-Smith (1994 *apud* GRÉDIS, 2016, p. 15), o que torna a teoria de Chomsky tão importante no campo da pesquisa em linguagem é a observação da linguagem e da gramática como fenômeno psicológico. Considera-se, aqui, gramática não somente um conjunto de regras, mas também especificação do conhecimento que um falante tem de sua respectiva língua. Na GU, pondera-se que a estrutura da linguagem é produto dos processos mentais do ser humano e resultado da experiência linguística de cada indivíduo. Importante ressaltar que o interesse de Chomsky (*apud* TAFAREL, 2018, p. 7) foi a natureza do fenômeno da linguagem, e não uma língua específica.

Mitchell e Myles (1998, *apud* GRÉDIS, 2016, p. 16) afirmam que a teoria da GU tem sido muito útil para as pesquisas em ASL por auxiliar os pesquisadores a formularem hipóteses bem definidas que podem ser testadas em trabalhos empíricos. Para as autoras, a GU é uma teoria valiosa, já que as pesquisas baseadas na GU descrevem os estágios de aprendizagem e a sistematicidade encontrada na fala e na escrita das interlínguas. Além disso, as pesquisas em ASL adicionam conhecimentos para o melhor entendimento das línguas naturais, nas quais se incluem obviamente a L2.

De acordo com essa teoria, o processo de aquisição da linguagem ocorre biologicamente com predisposição natural. Portanto, de acordo com essa teoria, há maior facilidade de uma criança aprender outro idioma.

Segundo Tafarel (2018, p. 7), os estudos chomskyanos assinalam que os seres humanos são biologicamente dotados de uma faculdade de linguagem responsável pelo estágio inicial do desenvolvimento da linguagem. A predisposição permite que o ser humano aprenda naturalmente o idioma de sua comunidade. Para Grédis (2016, p. 1), a importância dos estudos de Noam Chomsky tanto para pesquisas sobre língua materna quanto para pesquisas acerca de línguas estrangeiras é incontestável. A corrente chomskyana defende que a primeira língua ocorre de forma inata. Todas as línguas possuem características universais (princípios) e diferenças entre si (parâmetros). Uma das questões mais relevantes acerca da relação entre a GU e os estudos de aquisição de Segunda Língua é saber se o acesso a GU atua semelhantemente quando aprendemos uma língua adicional.

Apesar de a teoria da GU não ser concebida como exclusivamente sobre aquisição de línguas estrangeiras, tem sido considerada como importante para a explicação de tal fenômeno.

Apesar de sabermos que a Gramática Universal (GU) não foi especialmente construída para explicar os fenômenos que ocorrem na aquisição de línguas estrangeiras, o modo como a GU pode colaborar para um melhor entendimento sobre as diferenças e semelhanças existentes nas línguas naturais é extremamente relevante para os estudos de L1 e também de L2. Se pudermos levar a GU em conta, então poderemos correlacionar certos comportamentos dos aprendizes de L2 com pressupostos da GU, baseados nos princípios e parâmetros, isto é, nas semelhanças e diferenças que ocorrem nas línguas humanas. (GRÉDIS, 2016, p. 3).

Por outro lado, Bley-Vroman (1989, *apud* XAVIER, 2007, p. 11) argumenta que o adulto aprendiz de L2 não tem acesso a GU. Assinala que as diferenças na aquisição de L2 não têm acesso à GU – na aquisição de L2 e L1, o dispositivo de aquisição de língua não é mais operante. A aquisição acontece através do conhecimento da L1 e de alternativas resolutivas de problemas.

Mota (2008, p. 13) ressalta que grande parte do que compreendemos de aquisição de segunda língua é baseada em estudos com aprendizes de língua inglesa com segunda língua. Contudo, nos últimos anos, tivemos mais estudos com aprendizes de outras línguas, mas ainda são raros.

A aquisição de uma segunda língua pode ocorrer com outras línguas e não necessariamente e exclusivamente o inglês. Um falante pode adquirir o francês ou espanhol como segunda língua, por exemplo. É necessário ampliar os estudos, observando a aprendizagem de outros idiomas e como as pessoas reagem à aquisição de uma segunda língua.

O campo de conhecimento “Aquisição de segunda Língua” é alimentado intelectualmente por varias áreas do saber e esta é uma das razões pelas quais temos observado uma proliferação de modelos de aquisição. Esta razão esta relacionada a uma outra, mais importante, o processo de aquisição de língua, primeira ou segunda, é complexo, multidimensional e multifacetado e provavelmente precisamos da contribuição de várias perspectivas teóricas para termos uma compreensão razoável deste processo.

Uma consequente desta pluralidade de visões, entretanto, é a maneira como conceitos importantes para a área são definidos por autores. Por exemplo, alguns teóricos gostam de fazer uma distinção entre os termos aquisição e aprendizagem. Para eles, o processo de aquisição se dá de maneira inconsciente, geralmente em contextos ditos naturais (ou seja, não instrucionais) e em situações de uso da língua para fins de comunicação real em interação com o outro. Nesse caso, o aprendiz desenvolve conhecimento da língua apenas a partir de sua exposição a ela. Já o processo de aprendizagem, para esses teóricos, é um processo consciente de retenção de conhecimento e se dá em ambiente instrucional (na sala de aula da escola ou em curso de idiomas) – ou seja, para eles, a aprendizagem, é resultado da instrução. (MOTA, 2008, p. 14 e 15)

Portanto, aquisição e aprendizagem são palavras que não podem ser consideradas termos sinônimos. O contexto conversacional, quando ocorre a aquisição, traz situações reais e cotidianas de conversação com um nativo, por meio da internet ou face a face. Nesse sentido, há uma comunicação entre dois falantes, o nativo e o não nativo. No caso da aprendizagem, ela pode ocorrer no ambiente da escola e em cursos de idiomas, nos quais se estuda a gramática e se fazem exercícios de leitura, escrita e escuta (audição).

Segundo Mota (2008, p. 50), a GU aponta que a interlíngua do aprendiz é sistemática assim como todas as línguas naturais e a variação que há na interlíngua não constitui desafio intelectual teórico. A gramática da L2 sofre indeterminação típica, uma vez que, quando o aprendiz vai julgar certa estrutura como gramatical e outras vezes como não gramatical, relaciona-se com questões de desempenho e não representação mental da L2.

Leite e Weishmer (2013) definem interlíngua como um sistema maleável e flexível que difere dos demais sistemas justamente devido ao seu alto grau de permeabilidade; ela está em constante mudança. Embora a mudança seja lenta, ela sempre revisa o que foi internalizado para acomodar novas hipóteses. Por outro lado, ainda sobre interlíngua, pelo espectro de Fernandez (1997 *apud* ALVAREZ, 2002), a interlíngua é como etapa obrigatória na aprendizagem de uma língua estrangeira – um

sistema interiorizado que evolui, complexamente. É um sistema diferente da língua materna e da língua alvo, não obstante seja percebida como uma mistura das duas. Possui características contraditórias: sistematicidade e variabilidade. É sistemática, pois, como em toda língua, pode-se deparar com um conjunto de regras de caráter linguístico e sociolinguístico, o qual, em parte, coincide com a língua alvo e em parte não. É variável, pois, em cada estágio, as hipóteses vão sendo reestruturadas.

Para Andradre (1982, p. 6) a diferença entre Language Acquisition e Gramática Universal em relação à segunda língua assinala que, acerca dos universais linguísticos, a pretensão é de estabelecê-los “a priori” onde a observação não permite detectá-los. Não se pode negar a existência de elementos comuns às línguas (elementos que não podem ser deduzidos a priori), a partir de hipóteses indemonstráveis como a teoria “Language Acquisition Device (LAD)”.

O LAD é um componente de uma teoria de linguagem proposta por Chomsky, que afirma que o ser humano nasce com um dispositivo que facilita a questão da aquisição de linguagem; trata-se de uma capacidade inata. Nessa referida teoria, diz-se que existe uma gramática universal para todas as línguas.

A Teoria Sociocultural atribui conceitos de língua nativa e segunda língua, enquanto a Teoria da Gramática Universal, L1 e L2. Apresentam algumas semelhanças no que tange seus processos de estudo, todavia apresentam diferenças no uso de nomenclaturas.

Para Spinassé (2006, p. 5), a L1, em linhas gerais, é a língua que aprendemos em casa, frequentemente associada à língua da comunidade. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (bilinguismo). Uma criança pode adquirir uma língua que não é falada em casa e ambas consideradas como L1

Spinassé (2006, p. 4) explica que o conceito “Primeira Língua” envolve um aspecto identitário, já que pessoa se identifica de alguma forma com a Língua Materna. A aquisição da Primeira Língua (ou Língua Materna) é parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo. A Língua Materna geralmente está relacionada à origem e usada cotidianamente.

Já para explicar a L2, Spinassé (2006, p. 6) afirma que Segunda Língua é adquirida sob a necessidade de comunicação e socialização. A situação deve ser favorável: um novo meio, contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e interação social. Para o domínio de uma SL, pressupõe-se que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe papel de integração social.

Na teoria Sociocultural, utiliza-se o termo Zona Proximal Distal (ZDP), que trata da potencialidade de uma pessoa aprender e que ainda não tem aquele conhecimento, embora se constitua como processo possível. Em suma, é a ajuda do professor ou outro discente que se encontra em um nível mais avançado, auxiliando estudantes a seu desenvolvimento da língua. É um auxílio temporário que pode auxiliar no desempenho de uma determinada atividade. Nesse sentido, para a aprendizagem de línguas, quanto mais orientação a ZDP diminui, mais autonomia do estudante na aquisição da segunda língua.

A Teoria Sociocultural é representada por Vygotsky, pautada na teoria do indivíduo social. De acordo com Mota (2008, p. 53), a corrente sociocultural busca criar

um ambiente social e material, para que os aprendizes sejam motivados a participar de atividades focados no significado da assistência que recebem do professor e colegas, apropriada para seu respectivo nível de desenvolvimento. Nesse sentido, a instrução opera na ZDP e a expande, gerando mudanças qualitativas no tipo de assistência que o discente necessita.

É importante criar um ambiente material e social, favoráveis para aprendizagem. O material utilizado serve de guia (aprendizado sequencial e sistematizado dos conteúdos), sob ordem crescente de níveis (simples ao complexo). Quanto ao aspecto social, o professor deve estimular o aprendiz, impulsionando o aprendizado. As atividades elaboradas pelo professor devem contribuir para formação de discentes ativos.

Mota (2008, p. 51) aponta que, para a Teoria Sociocultural, a variação deparada na interlíngua de aprendizes de L2, demonstra engajamento do aluno com o contexto, trazendo informações sobre a ZPD, objetivos individuais do aprendiz, tipo de mediação e suas ferramentas disponíveis.

Montezor e Silva (2009, p. 3) consideram que a Teoria Sociocultural baseada em Vygotsky (interacionismo) demarca que a língua é um artefato cultural, trabalhada para mediações em atividades sociais. A aprendizagem de segunda língua compõe processo socialmente mediado, em que o discente interage com outras pessoas para possibilitar observar e imitar.

Com a mediação, ocorre a internalização (assimilação de uma operação externa) de atividades e comportamentos, intermediada por instrumentos e signos, ou seja, a língua é o objeto mediado através de uma socialização: o docente, socializando seu conhecimento com os discentes, cria margem para o discente observar e imitar o vocabulário reproduzido.

Para Lantolf (*apud* BEZERRA, 2003, p. 13),

A teoria sociocultural, como as outras teorias de aprendizagem, tenta iluminar o processo de aprendizagem em diversos setores. Recentemente ela tem sido utilizada como mais uma fonte de compreensão do processo de aquisição de L2. Baseada nos insights teóricos de Vygotsky, ela tem como um dos princípios centrais a questão da mediação. Isso quer dizer que os seres humanos utilizam-se de ferramentas físicas ou simbólicas para organizar e manter controle sobre o self e suas atividades físicas e mentais (MITCHELL; MYLES 1998:141); Assim, a linguagem, enquanto ferramenta simbólica mais importante, permite ao ser humano organizar e controlar processos mentais – memória, atenção voluntária, aprendizagem, etc.

A Teoria Sociocultural aponta que o cognitivo explica processos mentais como memória e que as atividades cognitivas mais relevantes se desenvolvem através das relações sociais. Com a socialização se dá o desenvolvimento dos processos mentais superiores. Nessa teoria, os processos mentais superiores (consciência) têm origem em processos sociais.

Portanto, essa teoria atribui grande valor não somente à interação social, por meio de objeto cultural (língua), mas também aos processos mentais. Borges e Salomão

(2003, p. 334) explicam que existem variações no contexto sociocultural em que pessoas vivem, visualizadas por diferentes modelos de uso da linguagem ofertados pelo meio social. São apresentados associados a modos de vida, exemplos de interações típicas do meio social dos indivíduos, correspondendo a hábitos e a necessidades adaptativas.

Segundo Bezerra (2003, p. 18), teorias como a da GU abordam a aquisição que ocorre em abstração, desconsiderado o indivíduo e sua sociabilidade. Questiona-se o construto da idade crítica como limitante da aquisição enquanto fator individual e maturacional, desvinculando questões como motivação, influência do contexto social, cultural e de interlocução com os quais negocia significados em L2.

Entende-se que, após a puberdade, há uma maior dificuldade de o aprendiz conseguir mais naturalmente falar uma língua que não a sua de origem. Isto é, uma determinada pessoa terá mais dificuldade para falar e escrever a língua aprendida em questão. Nesse caso, o processo será mais lento diferentemente quando se aprende em uma fase anterior. Para a Teoria da GU, percebe-se uma crítica em relação a uma idade – limite para aprender uma LE.

Loureiro (2013, p. 52) aponta que a aprendizagem de uma língua implica o desenvolvimento de competências distintas, uma vez que estudar uma língua estrangeira pode potencializar a destreza cognitiva, o desenvolvimento cognitivo ao nível da flexibilidade, a criatividade mental, como também a capacidade de resolução de problemas. Aprender uma língua não se limita à aprendizagem das estruturas gramaticais, fonológicas ou sintáticas; designa o contato com a cultura dos países em que essa língua é falada.

Nesse sentido, há inúmeros fatores importantes que contribuem para o aprendizado de uma língua estrangeira. Por exemplo, o cognitivo é acionado de diversas formas, uma vez que o pensamento é externalizado pela fala por meio de situações espontâneas do cotidiano.

As duas correntes supracitadas apresentam uma relação estreita, ou seja, auxiliarem no fornecimento de elementos para desenvolvimento da metodologia de ensino de línguas estrangeiras. Por outro lado, apresentam concepções originárias distintas, porém não antagônicas, configurando-se como correntes criadas e baseadas na experiência do pesquisador.

Para Montrezor e Silva (2009, p. 5), algumas pesquisas na área do ensino de línguas estrangeiras assinalam que um novo idioma só é compreendido quando o aluno passa a entender conteúdos comunicativos da língua e não somente aspectos gramaticais. O conhecimento da língua acontece ao se conhecer a cultura de um povo. Já a gramática necessita ser apresentada ao aprendiz objetivamente para que haja o aprendizado.

De forma complementar, Chaguri (2005, p. 7) afirma que a língua estrangeira é condição indissolúvel do conjunto de conhecimento, auxiliando os discentes na aproximação de várias culturas e possibilitando integração num mundo globalizado.

Então, são inúmeras as razões para aprender uma L2. Significa, enfim, entender a L2 e os fatores que a envolvem: cultura, comunicação. Professores de língua estrangeira, ao ministram suas aulas, devem procurar meios de despertar o interesse de seus alunos na aquisição e na aprendizagem de uma L2. Assim, o estudante aprende a gramática e a cultura de outro povo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como não foi encontrado um modelo exato para responder à inquietação deste trabalho, podemos dizer, em conformidade com Paiva (2014, p. 5) que falar em aprendizagem de línguas significa entender como qualquer outra aprendizagem não constitui processo linear e não pode ser tão previsível, como hipotetizado por alguns modelos. Pequenas diferenças nas condições iniciais podem causar resultados diferentes. No entanto, as tentativas anteriores de explicação da ASL não devem ser descartadas, uma vez que, quando reunidas em um sistema de aquisição, elas conseguem promover compreensão mais ampla do fenômeno ASL.

Buscamos, neste trabalho, promover um debate entre a Teoria Sociocultural e a GU, tecendo-se críticas a essas duas correntes, descrevendo aproximações entre elas e explicitando contribuições de ambas as correntes. Esperamos que esse debate possa impulsionar novas pesquisas sobre essas duas teorias, no campo de aquisição de uma segunda língua.

### REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. Formação do professor de línguas de uma perspectiva sociocultural. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 15/2, p. 457-480, dez. 2012.
- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas. *In: Congresso Brasileiro de Hispanistas*, 2002, São Paulo. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000012002000100039&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000012002000100039&lng=en&nrm=iso) .
- BARBOZA, L. da S. Fatores que influenciam no desempenho de um aprendiz de língua estrangeira. **Letrônica**, v. 5, n. 3, p. 142-153, 30 mar. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/12117>.
- BEZERRA, Isabel Cristina Rangel Moraes. Aquisição de segunda língua de uma perspectiva lingüística a uma perspectiva social. **SOLETRAS**, São Gonçalo: UERJ, ano III, nos. 05 e 06, 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4455/3258>
- BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMAO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003, 16(2), p. 327-336, Aracaju, 2003.
- CHAGURI, J. P. A importância do ensino da língua inglesa nas séries iniciais do Ensino Fundamental. *In: O DESAFIO DAS LETRAS*, 2, 2005, **Anais...** Rolândia: FACCAR, 2005.

ECKERT, K.; FROSI, V. M. Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave. **Domínios de Lingu@gem**, v. 9, n. 1, p. 198-216, 15 jul. 2015.

FERREIRA, Marília Mendes. A perspectiva sócio-cultural e sua contribuição para a aprendizagem de língua estrangeira: em busca do desenvolvimento. **Revista Intercâmbio**, volume XXI: 38-61, 2010. São Paulo: LAEL/PUC-SP.

GRÉDIS, Rosi Ana. **A importância dos estudos sobre a gramática universal nas pesquisas em aquisição de segunda língua**. Estudos linguísticos e literários, Salvador Nº 44, jul-dez | 2016,: pp. 163-181 Salvador, 2016.

LEITE, Ligia; WESHEIMMER, Janaina. **O desenvolvimento da interlíngua na aprendizagem da escrita em inglês em uma escola bilíngüe**. Rio Grande do Norte, 2013.

LOVATO, C. dos S.; ADAMES, F. A. T. Teorias, estágios e contexto de aprendizagem de segunda língua. **Linguagens e Cidadania**, Santa Maria, v. 10, n. 1, jan./jun., 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28281>.

LOUREIRO, Ana Paula Vaz. **Aprender inglês como segunda língua: a importância do domínio de outras línguas num mundo globalizado**. 2013. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, 2013.

MARCELINO, Marcello. Aquisição de segunda língua e bilinguismo. **Revista Intercâmbio**, v. XXXV: 38-67, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP

MATTOS, Andrea Machado de Almeida. A hipótese da gramática universal e a aquisição de segunda língua. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.51-71, jul./dez. 2000.

MONTREZOR, Bethania Marcia; SILVA, Alexandre Batista da. A dificuldade no aprendizado de língua inglesa. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, ed. n. 10, ago. 2009

MOTA, Mailce Borges. **Aquisição de segunda língua**. Centro de Comunicação e Expressão – CCE. UFSC: Santa Catarina, 2008. Disponível em: [http://libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoSegundaLingua/assets/630/Texto-base\\_disciplina\\_AQUISICAOL2.pdf](http://libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoSegundaLingua/assets/630/Texto-base_disciplina_AQUISICAOL2.pdf).

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de Segunda Língua**. São Paulo: Parábola, 2014.

SPINASSÉ, karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, Rio Grande do Sul, vol. 1, novembro 2006.

TAFAREL, Gabriele. **As teorias de aquisição de segunda língua**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Fortaleza, 2018

TAFAREL, Gabriele As teorias de aquisição de segunda língua. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVIII, nº. 000127, 31 julho 2018.  
Disponível em: <https://semanaacademica.com.br/artigo/teorias-de-aquisicao-de-segunda-lingua>.

VELOSO, Rachel Pradro Rodrigues. **Avaliando s razões que levam ao aprendizado de uma segunda língua**. 2014. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

XAVIER, Gildete Rocha. Acesso a Gramática Universal (GU) por aprendizes de segunda língua (L2). **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 5, n. 2. 2007